

## Formas de *sedere* em cantigas do século XIII

Maria Ribeiro

**Abstract:** In Portuguese, the verb *ser* ('to be') results from the merging of two distinct Latin verbs: *esse* ('to be') and *sedere* ('to be sited'). This paper's aim is to present some aspects regarding the occurrence of forms derived from the verb *sedere* in *cantigas* from the 13<sup>th</sup> century. This study is motivated by the fact that in Portuguese's earlier stages forms derived from both these verbs were used in contexts in which only *estar* ('to be') would be possible in contemporary Portuguese. Furthermore, in cases in which forms derived from both these verbs coexisted, forms derived from *sedere* were always used with the semantic value of 'estar'. These *sedere* forms, which were relatively not very frequent comparing to the corresponding *esse* ones, would later disappear from the Portuguese language. In this paper, I present some aspects in which the textual genre *cantiga* appears to motivate the use of the *sedere* forms which competed with the *esse* ones.

Neste artigo pretende-se apresentar alguns dados relativamente às ocorrências de formas de *ser*, mais especificamente formas derivadas de *sedere*, em cantigas do século XIII. O que motiva o estudo destas formas é a constatação de que, em Português Medieval, formas de *ser* (tanto formas derivadas de *sedere* 'estar sentado', como de *esse* 'ser') ocorriam em contextos em que atualmente apenas se admitiria o verbo *estar*. Para além disto, nos casos em que coexistiam formas derivadas de *esse* e de *sedere* para os mesmos tempos verbais, as formas de *sedere* ocorriam sempre sentido de 'estar' (cf. Brocardo: 2011 e 2014 e Mattos & Silva:2002).

Em Ribeiro (2018) procedeu-se a um estudo das formas de *sedere* que viriam a cair em desuso, sendo substituídas pelas formas de *esse*, nas cantigas de escárnio e maldizer, cantigas de amor e cantigas de amigo datadas ou datáveis do século XIII (de acordo com a datação constante no *Corpus Informatizado do Português Medieval*) e, também, nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1264-1284). Acerca destes textos Teyssier (1982:21) afirma o seguinte: «Estas compilações [...] são escritas numa língua complexa, que tem por base os falares da Galícia e do Norte de Portugal. Nela se documentam arcaísmos notáveis, a ates-

tarem que, para o seu público, esta literatura tinha passado.»

Em específico, neste trabalho tem-se como objetivo apresentar alguns aspetos em que o género literário *cantiga* ou especificidades associadas aos diferentes subtipos de cantigas parecem influenciar ou favorecer a ocorrência destas formas de *sedere*, de determinados valores associados a estas formas, ou o tipo de contextos em que estas ocorrem.

### 1. Os paradigmas de *ser* e *estar* em Português Medieval

O atual paradigma de *ser* possui uma história complexa de convergência de dois verbos latinos distintos: *esse* ('ser') e *sedere* ('estar sentado'). Este paradigma é, assim, frequentemente apontado como o resultado da fusão de dois paradigmas que em fases anteriores possuiriam um funcionamento independente. Por exemplo, nas palavras de Nunes ([1919]1956: 294): «Decerto em virtude da sinonímia da significação, que na língua vulgar existiu entre os verbos *esse* e *sedere*, resultou que o primeiro tomou do segundo, que tinha conjugação completa, formas que não possuía».

Porém, de acordo com Teyssier (1959[2005]: 126), as restantes formas de *sedere* não viriam a cair em desuso até ao início do século XVI. Tal teve como resultado que durante um período na história da língua coexistiram para alguns tempos verbais formas derivadas tanto de *sedere*, como formas derivadas de *esse*.

Como sabido, *ser* veio em português, à semelhança do que se verifica em outras línguas ibero-românicas, a adquirir valores contrastivos a *estar*, valores esses que são frequentemente caracterizados como uma oposição entre propriedades (perspetivadas como) ‘permanentes’ ou ‘inerentes’ associadas a *ser*, e propriedades ‘temporárias’ ou ‘transitórias’ associadas a *estar*. Porém, esta oposição de valores associada a estes verbos nem sempre se verificou no passado.

De facto, em fases anteriores da língua, o paradigma de *ser* – tanto formas derivadas de *esse* (1), como de *sedere* (2) – era utilizado em contextos em que em português contemporâneo apenas de admitiria o verbo *estar*. Este facto conduz Peral Ribeiro a afirmar em que português antigo existiram tempos de três verbos – *esse*, *sedere* e *stare* – que se faziam «mútua concorrência» (1958: 166):

- (1) Enton tod' aquela gente que y juntada **era** foron correndo aa casa [CSM006]
- (2) De Deus nosso Padre que en ceo **ssé**. [CSM265]
- (3) Ant' ela **está** un pano colgado todo o ano [CSM405]

Verifica-se, ainda, que as formas de *sedere* que coexistiam com as de *esse* ocorriam sistematicamente com o sentido de ‘estar’ (4) e, em alguns casos, ainda com o sentido etimológico de ‘estar sentado’ (5). Num *corpus* coligido por Ribeiro (2018), de 113 ocorrências atestadas destas formas, apenas uma permite a leitura de ‘ser’ (6):

- (4) Contar non poderia do doo que fezeron a sogr' e a menyynna e quantos y **severon** [CSM241]
- (5) Per quant'eu vejo, perco-me desejo, hei coita e pesar; se and'ou **sejo** [CEM241]
- (6) Mas vos que **sedes** padre da lee e joyz, rogad' a Deus que desto a quera guarecer. [CSM251]

Por sua vez, as formas de *estar*, nunca ocorriam com o sentido de ‘ser’, tratando-se, assim, de uma sobreposição parcial dos valores associados a estes verbos.

## 2. As formas de *sedere*

### 2.1. Ocorrências de Mais-que-perfeito do Indicativo e de Pretérito Imperfeito e Futuro do Conjuntivo

Como referido, a fusão dos paradigmas de *esse* e de *sedere* resultou na coexistência de formas destes dois verbos para alguns tempos verbais, uma vez que este último possuía conjugação completa. No *corpus* constituído atestaram-se sobretudo formas de Presente, Pretérito Perfeito e de Pretérito Imperfeito do Indicativo. Não obstante, atestaram-se também algumas ocorrências de formas cujas formas eram praticamente apenas as derivadas de *esse* – o que é notório pelo reduzido número de ocorrências que se atesta destas formas –, como é o caso de formas de Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo, e de Imperfeito e Futuro do Conjuntivo. Estas ocorrências são apresentadas em seguida:

- (7) E mui de rrijo chorando des i sacou seu cuitelo e estev' assi tallando sa lingua, con que a Virgen **severa** mal **de~ostando**. [CSM174]
- (8) Ca tu noit' e dia senpr' estás rogando teu Fill', ai Maria, por nos que, andando aqui pecando e mal obrand'-o que tu muit' avorreces- non quera, quando **sever julgando**, catar nossas sandeces. [CSM020]

- (9) E se vosco na casa **sevesse** e visse vós e a vossa color, se eu o mundo em poder tevesse, nom vos faria de todos senhor, nem d'outra cousa onde sabor houvesse. E d'u~a rem seede sabedor: que nunca foi filha d'emperador que de beldade peor estevesse. [CEM364]
- (10) Que, se ll' o cavalo désse / vivo, porren[de] posesse / un de cera que **sevesse** / ant' ela que todos vee. [CSM375]
- (11) Pois minha senhor me manda / que non vaa, u ela **seer'**, / quero-lh' o eu por én fazer, / pois m' o ela assi demanda. [CAM633]
- (12) E disse a un seu ome: "Vai-te, senner, / ben aly u o Emperador **sever**; / aquestas cartas deitarás como quer / long' hu~a d'outra, ca ajuntadas non." / Sempr' a Virgen santa dá bon gualardon ... [CSM265]

Nestes casos, a ocorrência destas formas parece ser pelo menos parcialmente motivada por razões de carácter estilístico, associadas a este género literário. Em específico, o uso destas formas parece poder ser justificado por questões de rima e para evitar repetições. Não obstante, também é necessário notar que, em alguns contextos, as formas correspondentes derivadas de *esse* (*fora, fosse, for...*) poderiam ser interpretadas como formas de *ir*.

Se atentarmos nas ocorrências em (7), a única ocorrência de Pretérito Mais-que-perfeito atestada em todo o *corpus*, e em (8), estas parecem ser diretamente motivadas por uma preocupação em evitar a repetição com o verbo *estar*. Também em (9) se verifica uma situação semelhante: evitar e repetição com o verbo *estar* e manter a rima em *-esse*. Nos casos (10) e (12) já não se nota uma necessidade de evitar uma repetição, verificando-se apenas a manutenção do esquema de rima. Nestes casos, fica por determinar a razão pela qual não

foram antes utilizadas formas do verbo *estar*.

Por sua vez, a ocorrência em (11) parece ser unicamente motivada por uma questão de rima, uma vez que se supõe que a forma correspondente derivada de *estar* (*estever*) não permitiria manter a rima com *fazer*, contrariamente ao que se sucede com a forma derivada de *sedere* (*seer*).

De um modo geral, estes dados parecem não só apontar para uma proximidade entre as formas de *sedere* e de *estar*, mas também para uma motivação literária para a ocorrência de formas que, de acordo com os dados atestados, pareciam não ser, em geral, muito utilizadas.

## 2.2. Usos etimológicos de *sedere*

Um outro aspeto a notar é o uso do verbo *sedere* como o sentido etimológico de 'estar sentado'. Nesta época, este verbo já havia dessemantizado e perdido o seu sentido postural original, sendo o uso deste valor associado a estas formas considerado arcaizante. No *corpus* constituído, é possível atestar várias ocorrências em que este verbo conserva ainda o seu significado original, como o já apresentado exemplo (5), ainda, ou os seguintes:

- (13) Cavalgava noutro dia per un caminho francês e u~a pastor **siia**, cantando con outras três pastores [CAmi051]
- (14) Como lh'outra vez já filhou a cadeira u **siia** o Filh' [CEM123]

Para além disto, quando este verbo configura na construção *sedere* + gerúndio, parece apresentar uma maior tendência para conservar esta leitura, uma vez que em 9 das 18 ocorrências atestadas esta leitura parece ser possível. Alguns exemplos são:

- (15) Ond' ave~o que un dia ambos **jantando siiam** e que todo-los sergentes, foras aquele, servian [CSM067]

(16) U **seyam comendo** cabo daquela fonte  
[CSM057]

Uma possível explicação para este fenómeno poderá relacionar-se com o facto de estas formas estarem a competir diretamente em termos semânticos com uma construção já gramaticalizada: *estar* + gerúndio:

(17) Vi coteifes de gram brio en’o meio do estio **estar tremendo** sem frio  
[CEM050]

Trata-se, assim, se um outro aspeto em este género literário aparenta favorecer, tal como referido por Teyssier, o uso de uma linguagem arcaizante, patente na persistência do valor etimológico deste verbo numa época em que este já significaria genericamente ‘estar’.

### 2.3. Contextos locativos vs. descritivos

O último aspeto a referir relaciona-se com o tipo de contextos em que este verbo surge e revela alguma variação nos diferentes subtipos de cantigas.

Mattos e Silva (2002) conduz um estudo quantitativo que visa demonstrar como é que a distribuição dos verbos *ser* e *estar* para marcar o valor semântico de transitoriedade em contextos locativos e descritivos evoluiu entre o século XIII e meados do século XVI. A autora observa que, para a marcação do valor de transitoriedade, no século XIII, o verbo *ser* predomina em relação a *estar*, porém, esta predominância é mais significativa em contextos descritivos – nestes contextos a ocorrência de *ser* apresenta uma variação de 93% para 16% do século XIII para o século XVI e de 76% para 7% em contextos locativos. Por sua vez, *estar* possui a distribuição inversa: de 7% para 84% em contextos descritivos e de 24% para 93% em contextos locativos.

O que autora conclui da sua análise é que a substituição de *ser* por *estar* para marcar o

valor de transitoriedade começou por se dar em contextos locativos e só depois se difundiu para os descritivos.

Das ocorrências atestadas no *corpus* constituído em Ribeiro (2018), verifica-se que 65 das formas ocorrem em contexto locativo e 47 em contexto descritivo (58% contra 42%). Confirma-se, assim, que estas formas são ligeiramente mais produtivas em contexto locativo.

Não obstante, observa-se, também, que parece existir variação nos diferentes subtipos de cantigas. Nas cantigas de Santa Maria, as quais relatam histórias e milagres relacionados com a Virgem Maria – possuindo, assim, um carácter predominantemente narrativo –, verifica-se que as formas derivadas de *sedere* ocorrem sobretudo em contexto locativo (73% contra 27%). Nas restantes cantigas, de carácter lírico e satírico, onde é, frequentemente, construído um universo sentimental e subjetivo, estas formas ocorrem mais frequentemente em contexto descritivo (64% em descritivo contra 36% em locativo).

Verifica-se, assim, variação nos contextos em que estas formas são utilizadas, de acordo com as especificidades dos diferentes subtipos de cantigas.

### Considerações Finais

Procurou-se, neste trabalho, apontar alguns aspetos em que o género textual cantiga aparenta motivar a ocorrência de formas de *sedere* ou dos valores que lhes estão associados.

Neste sentido, refere-se o número considerável de ocorrências de formas de *sedere* que é possível atestar devido ao carácter arcaizante deste género literário e, também, a ocorrência de formas de *sedere* de Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo e de Imperfeito e Futuro do Conjuntivo, cuja

motivação aparenta ser, parcialmente, literária (evitar repetições e questões de rima).

Sublinha-se, ainda, a persistência do valor postural ‘estar sentado’ associado às formas de *sedere* numa época em que este verbo já havia dessemantizado.

Por fim, apontou-se a variação no tipo de contextos em que estas formas surgem nas cantigas de Santa Maria e nas cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer, devido aos diferentes tipos discursivos presentes nestes textos.

## Referências

Brocardo, M. T. (2011) *Sedia la fremosa...* Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português. In *CADERNOS WGT – Ser & Estar*, Lisboa: FCSH-CLUNL.

Brocardo, M. T. (2014) Construções com *ser*, *estar*, *jazer* na história do português: notas em torno de inovação, persistência e obsolescência. In L. García & X. Viñas (ed.) *Língua, texto, diacronia*. Estudos de linguística histórica. Revista Galega de Filoloxía. Monografia 9.

Mattos e Silva, R. V. (2002a) A variação *ser/estar* e *haver/ter* nas *Cartas de D. João III* entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In R. V. Mattos e Silva e A. Filho (org.) *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.

Mattos e Silva, R. V. (2002b) A definição da oposição entre *ser/estar* em estruturas atributivas nos meados do século XVI. In R. V. Mattos e Silva e A. Filho (org.) *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.

Nunes, J. J. ([1919] 1956) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.

Ribeiro, M. (2018) "O hibridismo de "ser" e a oposição semântica entre "ser" e "estar" em português medieval". Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas.  
<http://hdl.handle.net/10362/31565>

Teyssier, P. (1982) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

Teyssier, P. (1959[2005]) *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: IN-CM

## Recursos

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval. <http://cipm.fcs.unl.pt/>